

## VEM PARA A RUA: CONVITE A UMA NOVA FORMA DE EXPERIMENTAR A CIDADE

Mariana Espindola dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como intuito elaborar uma explanação sobre as formas de conhecer a cidade, tomando como norte da pesquisa o convite a vivenciar os espaços urbanos como artistas visuais e ativistas. Os projetos *Stop Telling Women To Smile* e o Coletivo Feminicidade promovem uma convocação aos seus seguidores de se tornar ativista. Para a elaboração deste artigo, a pesquisa acompanhou as redes sociais dos artistas, além de uma observação participativa nas oficinas e nas colagens proporcionadas pelo Coletivo Feminicidade. A experiência proporcionou uma reflexão maior sobre a interação de artistas e ativistas com seus públicos para além das redes sociais, contribuindo para diálogos sobre as suas experiências em pensar como seus corpos interagem em grandes centros urbanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte urbana; Ativismo; Lambe-lambe; Repensar a cidade.

### GET ON THE STREETS: AN INVITATION TO EXPERIMENT THE CITY IN A NEW WAY

**ABSTRACT:** This article has the intent of produce an elaboration about the ways to know a city, taking as guide the invitation to experience urbans spaces as visuals artists and activists. These projects: *Stop Telling women to Smile* and the *Feminicidade* collective promote a call to its followers to become activists. To elaborate this article, this research was made following the social media of these artists. Further on with the observation participation on the workshop and the collages offer by the collective. The experience furthers the reflection on the interactions between artist and activists with their public, beyond the social media. Subscribing with a new dialogue about their experience and thinking about how theirs bodies Interact with big urbans centers.

**KEYWORDS:** Urban Art; Activism; Wheat past; Rethinking the city.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós de Graduação em Cultura e Territorialidade – PPCULT, Universidade Federal Fluminense. Licenciada em Ciências Sociais, pela UFF. Graduada em Sociologia na mesma universidade. Graduada em Relações Internacionais pela Unisul.

## INTRODUÇÃO

*"A cidade não é o lugar. É a moldura da vida, um chão para a memória." Mia Couto.*

A rua é um espaço em constante movimento, ou melhor, em constante mutação. Não somente pela movimentação e pela intervenção das pessoas, mas também pela mudança dos usos desse espaço. Como elucidada o geógrafo Milton Santos, a estrutura do espaço é fixa: prédios, ruas, construções. A história apresenta possibilidades de adaptações, as quais modificam as estruturas fixas, modificando os usos e as suas importações através dos tempos e dos governos. É na rua que encontramos uma forma de expressão crescente e controversa: lambe-lambes, grafites, pichações, colagens povoam os muros e as paredes das grandes cidades. Esse tipo de intervenção urbana utiliza da arte para produzir alguma repercussão no cotidiano das megacidades.

Alguns ativistas encontraram na intervenção urbana uma forma de atingir um público maior e passar a sua mensagem. Ampliados pelas redes sociais e pela ampliação dos números de celulares com câmeras, essas iniciativas não ficaram restritas aos bairros próximos aos projetos. A estudante de arquitetura Lela Brandão criou o projeto *#fridafeminista* com o intuito de enviar mensagens sobre autoestima e empoderamento para as mulheres, contra a padronização da beleza e os preconceitos. O projeto ganhou mais seguidores nas redes sociais, como Instagram, Tumblr e Facebook. A ativista aponta que a sua mensagem alcança um número maior de mulheres no formato de lambe-lambes, como arte de rua.

Outros projetos buscam apenas retratar as indagações encontradas nos muros como: "todos prometem, ninguém cumpre. vote em ninguém"; "tem horas? esqueça-as"; "fale com estranhos"; "pare de correr enquanto há tempo"; "por que você não grita?"; "desligue o computador e vá fazer coisas de verdade"; "a verdade está lá fora (para escolas e faculdades)"; "poluindo e matando (para carros, inclusive de policiais)"; "nos queremos todos iguais"; "deseje bom dia ao próximo desconhecido que encontrar"; "dê um chute no patrão"; "você já pensou em se matar hoje?"; "sorria: você está sendo controlado"; "o que está esperando? comece agora"; "você faz as suas escolhas e as

suas escolhas fazem você"; "enquanto você deixa a sua vida de lado, ela te deixa de lado também". Essas indagações orientadas para as pessoas que vagam pelas ruas, seguindo os seus ritmos normais encontram nas intervenções urbanas pequenas formas de delicadeza e de questionamento.

A intenção desses artistas urbanos, ativistas e colecionadores dos retratos das intervenções urbanas está em estabelecer uma comunicação, uma reação entre os indivíduos que passam rapidamente pelas ruas, os que habitam as ruas, os que pensam a rua. As ações dos ativistas vêm ao encontro dos temores de uma megacidade, proporcionando uma válvula de escape aos tormentos de traslado, trânsito, violências. Em 2015, a cidade de Viena alterou os seus semáforos com imagens de casais gays abraçados e de mãos dadas, iniciativa que fez parte de uma campanha que apresentava a cidade "*gay-friendly*". Nesse caso, a postura era de modificar o formato das luzes do semáforo a partir de uma instituição, não de um movimento social, porém essa ideia já foi utilizada em outros pontos da Europa, alterando o formato tradicional redondo pelo formato de corações.

Pelo princípio de rerepresentar ao cotidiano novas maneiras de abrir um espaço para a conversa, a arte urbana dialoga gratuitamente com o indivíduo sem necessariamente impor uma nova maneira de se fazer cultura. A principal finalidade é a objetivação da arte para integrar, fazendo dela um conceito coletivo, abrangendo assim diversas classes sociais e sendo um meio eficaz de luta política. A arte como um ato revolucionário em seu mais profundo sentido social e de luta simbólica pela apropriação de espaços com o uso de linguagem popular e não excludente.

As intervenções urbanas têm como um de seus começos reconhecidos as lutas contra governos, ditaduras e rivais de modo geral, e transformaram-se em uma colorida inovação de espaços públicos, sem perder a sua origem belicosa. A partir da repressão, criou-se um novo conceito de espaço, cultura e integração na arte urbana. É possível dialogar espaços com pessoas para se entender uma nova ideia de cultura fora dos grandes eixos que detém o monopólio da arte nos grandes centros urbanos. A arte urbana dialoga gratuitamente

com o indivíduo sem necessariamente impor uma nova maneira de se fazer cultura.

A intenção em elaborar esse artigo está em explorar o convite da artista Tatyana Fazlalizadeh e do Coletivo Feminicidade aos seus seguidores de experimentar a cidade como ativistas. Portanto, para explorar mais esse convite focarei nas explicações sobre o lambe-lambe, técnica usada por ambos. Esse artigo foi elaborado em três etapas. Na primeira, retorno ao lambe-lambe como técnica escolhida pelas artistas para elaborar a arte. Na segunda etapa, busco entender como as artistas se voltam aos seus seguidores com a proposta de vir para a rua. Na última etapa, exploro as formas de experimentar a cidade, com a ajuda de autores como Milton Santos, Stuart Hall, Michel Certeau e Paola Jacques.

## **O LAMBE-LAMBE**

A técnica do lambe-lambe é antiga, retoma o colar de cartazes nas paredes, que tinha o intuito de informar o público que passava pelas ruas, avisar de shows, de campanhas governamentais etc. As técnicas usadas inicialmente eram marcadas pela utilização de um único molde e a repetição desse conteúdo de maneira quase que artesanal. Era usado durante o século XV, geralmente com textos e sem imagens. A técnica foi modificada com o surgimento das primeiras gráficas de impressão litográfica colorida na França, durante o século XVII, quando passou a permitir a impressão com quatro cores e traços curvilíneos. Alguns artistas franceses, como Jules Cherét e Henri de Toulouse-Lautrec, ficaram famosos pelas suas artes usando a técnica do lambe-lambe na metade do século XIX.

Durante o período das grandes guerras, a utilização dos cartazes ganhou a conotação de propaganda política, com conteúdos voltados à mobilização da população e à propaganda contra os países inimigos. Durante a ditadura civil-militar no Brasil, os cartazes e lambe-lambes eram usados tanto pela resistência quanto pelos próprios militares em busca de identificar seus inimigos como terroristas. Diogo Oliveira distingue a diferença entre os termos cartazes, pôster e lambe-lambe pelo sentido atribuído a cada um deles:

O cartaz possui valor funcional e comercial e está relacionado à propagação de uma ideia, um produto ou serviço. O pôster tem valor estético, decorativo e em geral é colocado em espaços privados. O lambe-lambe, cujo nome surgiu no século XXI, tem no cartaz o seu precursor, mas sua função o diferencia deste, pois está relacionado a um movimento com viés crítico e propõe uma ideia ou reflexão contrária a alguma conduta social ou desigualdade, ou simplesmente é resultado do trabalho de artistas e grupos de artistas que ocupam o espaço público com o objetivo de espalhar suas criações. (OLIVEIRA, 2005).

A produção do lambe-lambe hoje pode ser encontrada em vídeos no Youtube<sup>2</sup>, em oficinas de lambe-lambe ou simplesmente ensinadas em publicações nas redes sociais. A pesquisadora Maria Augusta Rodrigues descreve o processo da produção:

<sup>2</sup> A exemplo deste, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HhMDY7Blblc>.

Sua produção é confeccionada com o material de fácil fabricação – folha de papel ou jornal e sua fixação feita com cola diluída ou cola caseira a base de farinha de trigo e água, escrito com tinta guache ou caneta, possibilita maiores quantidades de peças produzidas e a replicações com o suporte de copiadoras e impressoras. Também, há casos em que sua produção se dá por softwares no qual possibilita um resultado mais elaborado, e que não interfere em seu propósito de manifestação dentro da cidade. (RODRIGUES, p.19, 2017).

A facilidade de se fazer um lambe-lambe permite que a sua produção seja elaborada por artistas, questionadores, provocadores, até mesmo em forma de terapia, de encontrar nas ruas um lugar em a sua voz pode ser ouvida. Ao analisar o movimento Augusta contra a verticalização, Diogo Oliveira considera a participação dos lambe-lambes na manifestação como de uso contra um discurso hegemônico, sua forma de abordar questões problemáticas, de abrir um espaço de discussão e questionamento, além da sua espontaneidade.

A diversidade dos lambe-lambes, expressão que utiliza desde poemas até frases ou fotos, reafirma a vertente artística e potencializa as possibilidades dessa intervenção, que também pode ser exercida de forma anônima e espontânea. As reivindicações políticas e sociais dos sujeitos e movimentos sociais que se apropriam dessa

intervenção para transmitir uma mensagem. (OLIVEIRA, 2015).

Outro aspecto importante se encontra na temporariedade do lambe-lambe, que ao ser composto de papel e cola, resumidamente, e divulgado na rua, sendo exposto a toda forma de clima, tem um tempo de vida curto.

## O CONVITE

Seramente, por que deveriam pedir para sorrir? Pedir a uma mulher sorrir é torná-la mais acessível. Isso faz você ficar mais confortável, não ela. Eu, pessoalmente, tenho nenhuma vontade de tornar-me acessível a homens desconhecidos na rua. Mulheres não são feitas para entreter homens e para agradar homens desconhecidos. Pedir-me para sorrir é o mesmo que pedir-me para pular. Para quê? Tem uma estranha responsabilidade depositada nas mulheres para serem felizes, 'lady-like' e agradável o tempo todo. Isso nos impossibilita de sermos capazes de nos expressar em nosso espectro de emoções. Ninguém está pedindo para que homens e mulheres parem de interagir uns com outros. Isso é besteira. Esse projeto está pedindo para as mulheres terem controle aos seus próprios corpos. (FAZLALIZADEH, 2016).

As palavras iniciais são da ativista e artista Tatyana Fazlalizadeh, frente do projeto *Stop telling women to smile* (STWTS). A explicação, que parece simples, apresenta as intenções do movimento que atua principalmente nos Estados Unidos, na França e no México, com intervenções urbanas. Tatyana Fazlalizadeh é uma artista visual iraniana e negra, nascida em Oklahoma City (Oklahoma, Estados Unidos), que usa da sua arte para explorar experiências diárias de opressão de pessoas marginalizadas, produzindo retratos e pinturas. Atualmente, Tatyana é a primeira artista pública em residência para a Comissão de Direitos Humanos de Nova York, que consiste em uma residência de um ano que apresenta novas experiências artísticas de novas iorquinos sobre antirracismo e assédio sexual.

O projeto de Tatyana Fazlalizadeh trabalha com um pedido simples, que quando avaliado de maneira rápida pode causar um tanto de estranhamento: pare de pedir para mulheres sorrirem. O que há de mal em um sorriso? Porém, o questionamento sobre este

estranhamento nos leva a uma problemática muito mais complexa. O projeto ocupa os muros e paredes das ruas de grandes cidades com lambe-lambes contendo retratos de mulheres anônimas cuja legenda lembram frases de ordem como “Não sou sua propriedade, não tens controle sobre o meu corpo”; “Mulheres não estão na rua para o seu entretenimento”; “Meu valor vai além do meu corpo”; “Homens não são donos da rua”; “Basta das suas olhadas subversivas, covardes, da sua violência machista”; além da frase que é o nome do movimento, “Pare de dizer para mulheres sorrirem”.

A iniciativa surge com o propósito de confrontar a situação conturbada que as mulheres descrevem: os constantes relatos de violências contra mulheres nas ruas, dos abusos sofridos ao utilizar o espaço público, que provocam a necessidade de uma reação. A ideia surgiu da sua própria vivência: ao fazer a sua arte na rua, percebeu o quanto o estar na rua afetava como ela era vista, além de como fazia a sua arte. E também de perceber que ela não estava sozinha em sofrer essas abordagens violentas nas ruas. O projeto começou no final de 2012 e este ano completa sete anos. Os retratos são apresentados pela artista como uma maneira de aumentar as vozes femininas em uma sociedade patriarcal. A artista pretende que as legendas reflitam pelo que realmente as mulheres estão passando e pensando sobre o assédio.

Tatyana defende o uso do lambe-lambe no projeto porque permite que ela elabore o seu próprio estilo, e que ela ainda pode produzir uma arte delicada e bonita e depois copiar, imprimir e colar na rua. Os lambe-lambes do projeto são grandes retratos de mulheres sérias, desenhados pela artista Tatyana Fazlalizadeh, e são encontrados nas ruas de Nova York, como também em vários países da Europa e da América Central.

Os retratos são feitos com mulheres que sofreram assédio nas ruas. Começa com uma conversa sobre o que é assédio, pergunta sobre o que elas já passaram, a artista fotografa as mulheres sérias, até mesmo bravas e, dessa foto, ela compõe o retrato e elabora o lambe-lambe. Refletindo as suas narrativas de violências sofridas, Tatyana ainda elucida que esse assédio não é vivido da mesma forma por todas as mulheres, que dependendo a sua raça, sua classe, seu gênero e do

local que ela sofre os assédios, essas narrativas serão mais intensas ou mais violentas.

A artista acredita que o projeto se tornou mais popular por ser uma forma de responder ao assédio de uma forma criativa, e de não confronto. A proposta era que o projeto fosse móvel, que fosse a outras cidades, desenvolvessem conversas com as mulheres dessas cidades e que resultassem em retratos e lambe-lambes com legendas em espanhol, francês, alemão, português. Preocupada em ampliar a diversidade da realidade apresentada no projeto STWTS, a artista aplicou o seu trabalho na cidade do México, atendendo às realidades vivenciadas lá, como também em Paris, na França.

A documentação desse projeto trabalha diretamente com as redes sociais. Foi com o Instagram principalmente que o projeto ganhou notoriedade e popularidade, além do seu site<sup>3</sup>, onde se encontra um acervo de fotos, entrevistas, vídeos que explicam a proposta do projeto, os últimos desenvolvimentos, planos futuros e ideias novas.

Uma das propostas do STWTS está na *International Wheat Pasting Night*, na Noite Internacional de colar lambe, na qual a artista disponibiliza as suas obras, após o preenchimento de um pequeno questionário, e orienta aos seus fãs que vão para a rua colar um lambe do STWTS e divulguem. Esse evento acontece todo ano e é uma forma da artista incluir na atuação do seu projeto, o seu público, que assim passa a contribuir ativamente na postagem dos lambes, trocando os seus celulares pela cola. O site contém um arquivo de imagens das publicações dos últimos anos<sup>4</sup>.

Por que Noite Internacional? O que é? Em 2019, a data escolhida foi 12 de abril. A proposta possibilita uma nova experiência para os seus seguidores que agora estão convidados a explorar a cidade contribuindo, preenchendo e recriando o espaço urbano com os questionamentos tanto seus quanto de Tatyana. O site e as suas atuações no Facebook, no Instagram e no Twitter se apresentam como a grande conexão entre a ativista e o seu público, compartilhando as suas iniciativas artísticas, suas participações em outros grandes projetos, inclusive divulgando suas obras para além dos lambes do STWTS.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://stoptellingwomentosmile.com/>.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://stoptellingwomentosmile.com/International-Wheat-Pasting-Night>.

O convite elaborado pela ativista Tatyana possibilita uma participação maior dos seus seguidores no diálogo proposto pela artista: ao oferecer suas obras para o uso, a troca amplia, ultrapassa o lugar do comentário e constrói juntos, público e artista um corpo de trabalho mais extenso, solidificado em várias cidades pelos Estados Unidos, e até mesmo pelo mundo. Esse conteúdo de exposição retorna à Tatyana e se encontra no site onde as colagens são arquivadas.

O convite de atuar como colaborador não é único do projeto, outros projetos têm a iniciativa de convidar os seus fãs/seguidores a se tornarem colaboradores. O Coletivo Feminicidade propõe uma aproximação mais presencial com os seus seguidores, os convidando para oficinas e para as colagens. O coletivo se apresenta em suas redes sociais como um coletivo que está ocupando os espaços públicos com histórias de mulheres e seus olhares, buscando resgatar o sentido original do dia internacional da mulher, inspirando e contando histórias.

A primeira iniciativa do Feminicidade começou em 2015, no dia internacional da mulher, com uma atuação pontual em São Paulo. Em 2016, o coletivo se constituiu no Rio de Janeiro e em São Paulo, a partir das iniciativas das integrantes que participaram em São Paulo. Nesses últimos três anos de atuação, o coletivo vem desenvolvendo um trabalho com oficinas, coletas de histórias e lambe-lambes; seguindo o calendário feminista e pautas emergentes e relevantes para pensar o que é ser mulher na cidade. Os lambes do Feminicidade são encontrados nas paredes da cidade do Rio de Janeiro, principalmente na região central.

O coletivo procura trazer para os lambes as histórias de mulheres sobre temas específicos, como segurança na cidade, violência obstétrica, datas relevantes e comemorativas, e sobre as suas vivências: como ser refugiada, como ser lésbica e morar na periferia. As histórias são compartilhadas por mulheres conhecidas pelas do coletivo, e também por participantes das oficinas oferecidas. Os lambes evocam as problemáticas e as vivências das mulheres e as estampam pelos muros das cidades, trazendo a possibilidade de debate, visualizado para o espaço público. O coletivo desenvolve uma metodologia que começa com a escuta empática dessas mulheres, conhecidas ou

desconhecidas; após o relato, começa a edição dos textos e das fotos para a elaboração do lambe.

As frases mais impactantes dos relatos são estampadas nos lambes, junto das fotos das mulheres que relataram, frases como: 'Metade das vezes que desço de Santa Teresa andando, algum homem me oferece carona. A autorização e a pressuposição de que meu corpo é um corpo público, na verdade, vem da ideia de que o corpo de uma mulher negra e trans autoriza que os homens me abordem dessa maneira'; 'Dentre tantos raios que atravessam essa vida preta, amar exclusivamente mulheres me revoluciona, me potencializa, me torna gigante, me mantém viva'; 'Quero poder somar a este movimento que grita por respeito às mulheres independentemente de seus trajes, que democratiza de verdade essa festa para pessoas independentemente de cor, credo ou classe social. Sejam os resistências'; 'Não foi fácil, eu apaguei durante o procedimento e soube de casos de mulheres que haviam morrido ali naquele mesmo local que eu estava. Foi doloroso, eu não queria, tive medo, mas optei pelo meu futuro'.

As oficinas oferecidas pelo Feminicidade são elaboradas a partir de convites de eventos, de escolas, de empresas e universidades. São constituídas pela apresentação do coletivo, sua história, suas inspirações e sua atuação, seguido pela elaboração de temáticas feministas relevantes, onde o grupo discute e compartilha suas experiências, seguido da proposta de participar da coleta de histórias, onde os participantes da oficina escutam as vivências das suas companheiras e, assim, descobrem na prática como o coletivo atua. A participação é sempre voluntária.

O Feminicidade ainda oferece às suas seguidoras e participantes das oficinas, a possibilidade de colar os lambes produzidos em outros dias, ou até mesmo depois das oficinas, possibilitando que as participantes experimentem uma nova forma de explorar a cidade, interferindo e se apropriando dos espaços públicos. O coletivo utiliza como ferramenta as mídias sociais, buscando quebrar a bolha e atingir outras pessoas. Portanto, além de atuar intensamente nas suas páginas do Facebook, Instagram, Youtube, Twitter e até LinkedIn, o coletivo mantém um grupo no WhatsApp com todas as participantes,

seguidoras e interessadas nas atividades do grupo, disponibilizando informações dos eventos, das colagens e compartilhando informações.

O grupo do WhatsApp funciona como um grande foro de informações compartilhadas. Além do coletivo, suas participantes expõem suas atividades, compartilham notícias, anunciam seus trabalhos, peças, documentários, até mesmo notícias de emprego, possibilitando a construção de uma comunidade de pessoas interessadas em debater e construir com o coletivo sobre as questões que surgem ao analisar as vivências de mulheres que habitam grandes centros urbanos e como a cidade afeta os nossos corpos, ou como os nossos corpos afetam a cidade.

Além de promover as oficinas, convidar para as colagens e criar uma rede de pessoas que se preocupam com as temáticas importantes para o coletivo, o Feminicidade ainda disponibiliza às suas seguidoras os lambes, caso seja pedido. Em alguns momentos na história do coletivo, principalmente nos meses após o assassinato da vereadora Marielle Franco, o lambe em que a vereadora havia compartilhado um pouco da sua história, foi compartilhado pelo coletivo. Os lambes são compartilhados quando pedido.

Apesar de sua atuação estar concentrada no eixo Rio-São Paulo, os Lambes conquistam outros espaços, chegando pelas conexões criadas pelas ativistas em suas redes e por convite para atuações em outras cidades. A expansão da sua atuação passa pela atuação nas redes sociais, que priorizam o debate das temáticas que atingem as mulheres em qualquer região. A rede do Feminicidade ultrapassa as barreiras do sudeste, guiadas pelos fluxos das suas colaboradoras e das suas seguidoras, possibilitando uma abrangência maior do coletivo.

## **OUTRAS FORMAS DE EXPERIMENTAR A CIDADE**

Podemos pensar a cidade de múltiplas formas: analisar as estruturas fixas e os seus fluxos, observar a formação das cidades, suas histórias, buscar nas orientações dos movimentos e dos trajetos um plano para a cidade. Podemos observá-la pelas atuações políticas e administrativas elaboradas ali, ou podemos observar pelas produções culturais feitas nesse espaço, como elabora Hall sobre a cultura e por que pensar a produção a cultura associada à vivência na cidade.

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno". Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2003, p.44).

Como elucidada Michel Certeau, cidades são espaços de leituras e de escrituras, estão em constante processo de reescrita pelos seus habitantes que praticam o espaço. Observar a cidade pode se dar de formas mais simpáticas, como o caminhar errante pelas ruas como propõe a arquiteta e urbanista Paola Jacques na sua pesquisa "Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade".

Paola Jacques apresenta o olhar errante, não só como uma simples crítica ao urbanismo e ao modernismo; por mais que essa análise seja crítica, a errância urbana é uma forma de experimentação, análise e compreensão da cidade, que propicia novos caminhos de estudo. Seria uma postura errante urbanista, preocupado com as práticas, as ações e os percursos, experimentando a cidade, não a observando como um todo, e, sim, se perdendo nos caminhos desconhecidos e conhecidos que a cidade apresenta.

Resumidamente, a errância é a experiência urbana ordinária. Ultrapassa o simples andar pela cidade, a experiência transparece no corpo do errante, a cidade é experimentada com todos os sentidos corporais, a memória urbana está registrada no corpo, como também a experiência da cidade. A experiência da cidade denuncia o que o projeto urbano exclui, apresenta as micro particularidades cotidianas do espaço vivido, as apropriações não esperadas, nem planejadas, os usos possíveis que estão fora do campo do planejamento.

O olhar errante proposto por Jacques encontra nos muros as intervenções artísticas. Vivenciar o cotidiano urbano pela prática

errante é apresentada pela autora como um antídoto à especulação que tornam as cidades cada vez mais cenográficas e privatizadas, a experiência urbana, corporal, sensorial e efetiva torna-se o oposto da imagem da cidade logotipo.

O convite de observar a cidade procura provocar nos estudos que trabalhem com a peculiaridade do olhar daqueles que caminham pelas ruas, possibilitando a inclusão de aspectos ignorados nos planejamentos e de atores esquecidos. Aqueles sujeitos que trafegam por longos caminhos sabem a relevância das artes urbanas no seu dia a dia, o colorido que povoa as janelas dos ônibus.

Os projetos artísticos, movimentos sociais e apreciadores da arte urbana que se empenham em registrar os trabalhos e publicá-los buscam ampliar o conhecimento sobre os artistas e as obras, mas também ampliar o potencial inicial das obras; fixos em bairros e em cidades, suas mensagens não alcançariam tantas pessoas.

## CONCLUSÃO

*“O objetivo desses movimentos artísticos é ir para rua, ir para a luta.” Consuelo Bassanesi. As conexões com e entre mulheres são as mais temíveis, as mais problemáticas e as forças mais potencialmente transformadoras no planeta.”  
Adrienne Rich.*

Este artigo teve como intuito elaborar uma breve explanação sobre as formas de experimentar a cidade, tomando como norte da pesquisa o convite que os projetos *Stop Telling Women To Smile* e Coletivo Feminicidade fazem aos seus seguidores, de se tornar ativista, de ir para a rua. O uso das mídias como ferramentas possibilita a expansão das vozes que essas ativistas trazem estampadas nos seus lambes, em ambos os casos, sem a exposição dos lambes nas redes sociais não estariam proporcionando o aumento do debate dessas questões tão relevantes para elas.

O recurso de buscar a arte como uma dose homeopática de resistência, de luta e de questionamentos permanece constante nos últimos anos, devido ao seu formato efêmero, um papel grudado nos muros, ou nas paredes da cidade, perguntando até onde vai o machismo do seu vizinho. A ideia de pensar a cidade pela arte urbana,

pela cultura possibilita um caminho de observação sobre a sociedade que vive nessa cidade.

A proposta de Paola Jacques sobre o errante observador proporcionou o encontro de uma forma de observar as cidades. Pensar o como observamos, sentados em um ônibus a olhar pela janela, se perdendo pelas ruas e pelos bairros desconhecidos atrás de novas formas de olhar e de compreender. O convite desses projetos apresenta mais uma maneira de observar e vivenciar a cidade, à noite colando lambes, ou com os lambes na mochila a procura do muro perfeito e de uma parede lisinha.

O convite parece simples: oferecemos uma forma para você viver o seu ativismo, ir para a rua, pleitear esse lugar de disputa, encontrar uma forma de atuar e provocar os questionamentos que você já tem. Tatyana Fazlalizadeh busca no seu projeto encontrar novas formas de incluir na discussão as suas seguidoras, que encontram no seu trabalho uma forma passiva e segura de reagir ao assédio sofrido nas ruas.

O seu método de inclusão vai ampliando com o tempo, a noite internacional de colar lambe possibilita que seus seguidores participem levando os seus trabalhos a outras cidades, outras terras, contribuindo com a ampliação do diálogo sobre violência contra mulheres nas ruas das cidades, principalmente esses mesmos seguidores que não podem participar dos retratos, estes exclusivos aos que moram ou visitam Nova York no momento. A disponibilidade do acesso aos lambes fica exclusiva às noites internacionais, porém o questionamento fica exposto nos muros por muito mais tempo.

O convite do Feminicidade traz a possibilidade de seus seguidores compartilharem suas histórias, de participar na construção das suas atividades e na atuação como ativistas. Essa participação não se estreita em uma única forma de atuação, o acompanhar o coletivo ganha intensidade e cria vínculo de companheirismo com as participantes das oficinas e das colagens, incluindo-as nos diálogos que o coletivo aborda, além de permanecer o convite de atuar ativamente nas atividades.

A intenção do uso das redes sociais pelas ativistas está em buscar ampliar o diálogo com os seus seguidores, ampliar a divulgação das suas obras, promover o debate de temas que permanecem esquecidos pelo grande público, trabalhando constantemente em duas esferas, a sua atuação presencial nas ruas, oficinas, palestras e nas redes sociais compartilhando as suas obras e as suas atuações. Este diálogo não permanece unilateral, artista-público, e sim abre espaço para a conversa com o público, com as seguidoras.

Ao mesmo tempo em que o uso das redes sociais contribui para a expansão das suas obras, também contribui para o aumento dos comentários negativos, e até mesmo agressivos. Tatyana Fazlalizadeh fala sobre a agressividade dos comentários nas ruas, inclusive foi uma motivação para o seu projeto; por ser uma mulher artista que atua nas ruas, os comentários motivaram o seu ativismo, e dentro das redes sociais se apresentam de outras formas.

O Feminicídio também conhece essa realidade de atuar nas ruas e encontrar pessoas contrárias à sua atuação, porém, os comentários escutados presencialmente trazem mais a questão da degradação da propriedade, não necessariamente o mesmo tipo de ataque na internet, que as atacam por serem feministas. Como dizia Maya Angelou, "O preconceito é um fardo que confunde o passado, ameaça o futuro e torna o presente inacessível". Apesar de avanços nos diálogos sobre o feminismo, ainda permanece muito desconhecimento sobre do que realmente se trata. A escritora e pesquisadora bell hooks reivindica a necessidade de uma cartilha, a que pontua: "O feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão".

Para a elaboração deste artigo foi feita pesquisa e acompanhamentos pelas redes sociais dos artistas, além de uma observação participativa nas oficinas e nas colagens proporcionadas pelo coletivo Feminicídio. Ao ser convidada a participar e descobrir uma nova forma de interferir na cidade, o que o coletivo oferece é um lugar empático e seguro para compartilhar histórias, para revelar um pouco da angústia de existir como cidadãs em uma grande cidade. Prioriza a construção desse lugar coletivo de encontros que ultrapassa o presencial, e permanece nas redes em outras intensidades.

Como pesquisadora, acompanhei uma oficina do Feminicídio sob a temática da segurança, onde foram compartilhados medos, traumas, violências sofridas por ter um corpo feminino. “Até onde vai à interferência da cidade nos nossos corpos?” foi a questão que envolveu as conversas naquele sábado e que permaneceu sendo debatida na colagem que ocorreu um mês depois e nas conversas que ocorreram nas redes sociais. Essa vivência possibilitou compreender melhor as diferentes formas que temos para habitar e transitar pela cidade.

A experiência proporcionou uma reflexão maior sobre a interação de artista e ativistas com o seu público para além das redes sociais, contribuindo para diálogos e trazendo as suas experiências em pensar como os seus corpos interagem em grandes centros urbanos. As experiências dos seguidores são compartilhadas com os artistas, com publicações ou até como depoimentos que contribuirão para as elaborações dos projetos.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANGELOU, Maya. *The Complete Poetry*. Virago Press. London, 2015.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. *The Return of the Flâneur*. (1929).

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAIA, Miguel. Artivismo – Política e Arte hoje. *Revista Aurora*, 1:2007. Puc-Sp. Disponível em: [www.pucsp.br/revistaaurora](http://www.pucsp.br/revistaaurora). Acesso em: 12 de maio de 2017.

COUTO, Mia. *Pensageiro Frequente*. Lisboa: Editora Caminho, 2010.

FAZLALIZADEH, Tatyana. *Stop Telling Women to Smile*. Acessado em: 22 de setembro de 2018. Disponível em: <http://stoptellingwomentosmile.com/>.

FAZLALIZADEH, Tatyana. *International Wheat Pasting Night*. Acessado em: 25 de setembro de 2018. Disponível em: <http://stoptellingwomentosmile.com/International-Wheat-Pasting-Night>.

GIACOMO, Beatriz Medaglini. *Cola, Papel e Poesia: Lambe-Lambe e a marginalização da arte urbana*. Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo 2017.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. *Feminism is for Everbody: Passionate Politics*. *South End Press Cambridge, MA*, 2000.

JACQUES, Paola. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. Paola Berenstein Jacques. In: Jeudy, Henri Pierre. Jacques, Paola Berenstein (Org.) *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA ; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

OLIVEIRA, Diogo. *Lambe-Lambe: Resistência à verticalização do Baixo Augusta*. Universidade de São Paulo. Novembro, 2015.

RODRIGUES, Maria Augusta R. V. *Intervenções Visuais Urbanas: O Lambe-Lambe nas Ruas de São Borja*. Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2017.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo, Edusp, 2006.